

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VOCÊS, QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON
9 de Outubro de 2020

EN DUVA SATT PÅ EN GREN OCH FUNDERADE PÅ TILLVARON / 2014

Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência

um filme de Roy Andersson

Realização e Argumento: Roy Andersson / **Fotografia:** István Borbás, Gergely Pálos / **Montagem:** Alexandra Strauss / **Som:** Felix Aneer / **Música:** Hani Jazzar, Gorm Sundberg / **Cenários:** Ulf Jonsson, Nicklas Nilsson, Sandra Parment, Isabel Sjöstrand, Julia Tegström / **Guarda-Roupa:** Julia Tegström / **Interpretação:** Nils Westblom (Sam), Holger Andersson (Jonathan), Per Bergqvist, Charlotta Larsson (Lotta), Solveig Andersson, Sture Olsson, Viktor Gyllenberg, Lotti Törnros (professora de flamenco), Jonas Gerholm, Ingvar Olsson, Ola Stensson (Capitão, barbeiro) / Oscar Salomonsson (bailarino), Roger Olsen Likvern, etc.

Produção: Roy Andersson Filmproduktion AB (Suécia) / Co-produção: 4 1/2 Film, Essential Filmproduktion GmbH, Parisienne de Production, Sveriges Television (SVT), ZDF/Arte (Suécia, França, Alemanha, Noruega) / **Produtores:** Roy Andersson, Pernilla Sandström, Philippe Bober / **Cópia:** em DCP, cor, legendada em português / **Duração:** 101 minutos / **Estreia Mundial:** 2 de Setembro de 2014, Festival de Veneza / **Estreia em Portugal:** 25 de Junho de 2015, Cinemas Medeia Monumental / Medeia Teatro Municipal Campo Alegre/ Primeira exibição na Cinemateca.

Eis mais uma manifestação do “pequeno teatro” de Roy Andersson, o terceiro e último capítulo da sua “Trilogia dos Vivos”, iniciada com **Canções do Segundo Andar** (2000) e **Tu, Que Vives** (2007). E este foi aquele dos três filmes que teve a melhor recepção institucional, conquistando o Leão de Ouro em Veneza, embora os dois anteriores tenham sido igualmente premiados em Cannes e em Veneza, respectivamente. Para quem conhece bem o universo de Andersson, e em particular os seus últimos filmes, **Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência** não trará grandes surpresas – nem assim era suposto, dada a insistência do autor na ideia de repetição com pequenas variações –, reenviado para o apuramento de um sistema e de um estilo artificioso assente num controlo rigoroso da *mise en scène* e para um aprofundamento da sua reflexão em torno da condição humana – o tema por excelência da obra de um realizador conhecido pelas suas preocupações metafísicas e por um pessimismo existencial. Mas o que até aqui se designa como a “Trilogia dos Vivos” em **Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência** conhece uma acentuação da ironia e da contradição. Se atentarmos bem, já não são os vivos que aqui se retratam, mas mortos-vivos, “zombies” (como um deles diz) que nos são introduzidos depois de três cruéis “encontros com a morte”. Mas a imobilidade última, inerente a qualquer cadáver, está espelhada desde o prólogo do filme, em que um pombo embalsamado e encerrado na vitrine de um museu de história natural é minuciosamente observado por um “espectro humano”, cuja palidez é enfatizada pela maquilhagem.

Esta é a atmosfera densa de um filme meticulosamente encenado, que traduz a vontade de controlo absoluto da parte do realizador ao nível de tudo o que é colocado à frente da câmara, daí a expressão *mise en scène* ser particularmente adequada ao cinema de Andersson, na sua

vertente mais teatral em que tudo é artifício, não deixando qualquer lugar à irrupção do acaso. Tudo (ou quase tudo) é filmado frontalmente em décors construídos em estúdio para o efeito, o estúdio do próprio realizador, o Studio 24, que assim controla também os meios de produção. E, como vem sendo hábito, **Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência** assenta numa sequência de mais de trinta longos planos gerais fixos, que se organizam como quadros sucessivos dotados de uma grande profundidade de campo, o que possibilita a encenação de acções simultâneas em profundidade e a montagem interna aos próprios planos. Num movimento de auto-reflexão, invocando a inspiração no trabalho de André Bazin, Andersson chamar-lhes-á “imagens complexas”. Imagens complexas cujo processo de construção é extremamente cuidado, redundando neste filme na realização de uma média de 30 a 40 takes por plano.

O título **Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência** é desde logo uma referência explícita à pintura de Pieter Bruegel, o Velho e aos tantos pássaros que pintou empoleirados nas árvores a observar o que os rodeia. Aproximáveis ao teatro e à pintura, os quadros hiper-realistas de Andersson cruzam os “quadros-vivos” que pontuam a história do cinema desde os seus primórdios com o grotesco e a crueldade de uma determinada pintura que reflectia as atrocidades da guerra, em que Max Beckmann, Otto Dix ou George Grosz são algumas das principais referências. A já referida palidez das personagens, acentuada pela brancura da maquilhagem, dá o tom à paleta cromática dos cenários, compostos invariavelmente por cores frias e desmaiadas, aproximando-se o conjunto de naturezas mortas. Não se trata de um mundo de sombras, pois não há um contraponto de luzes intensas, mas um mundo pálido e pouquíssimo contrastado, como tão bem revela o “café de Lotta” ou o desolador “abrigo masculino” em que vivem os dois protagonistas. Um mundo filmado pela primeira vez em digital, suporte que pelas suas características e pela sua maior maleabilidade face à película permitiu a Andersson enfatizar as suas explorações com a profundidade de campo e com as cores.

O centro de **Um Pombo Pousou Num Ramo a Reflectir na Existência** é ocupado por uma dupla de vendedores de inusitados artigos de diversão, cujos gestos e palavras são reduzidos ao mínimo. Sam e Jonathan (Nils Westblom e Holger Andersson) pertencem à longa tradição de tantos pares masculinos como Laurel e Hardy ou D.Quixote e Sancho Pança, inscrevendo-se directamente num teatro do absurdo em que a tragédia da existência se aproxima de algo como o riso – “Queremos ajudar as pessoas a divertir-se”, diz um deles com cada vez menos convicção”. A par da forte presença dos dois protagonistas, o aspecto mais curioso deste filme é o modo como tece uma inusitada relação entre temporalidades distintas, que se contaminam mutuamente, retroagindo sobre o “presente”. O imenso pesadelo em que um conjunto de escravos africanos é forçado a entrar num cilindro gigante onde serão queimados vivos para produzir música, clara metáfora da exploração extrema, será a “imagem” mais forte que retroagirá sobre as restantes, transformando o pouco que ainda havia de “comédia humana” em horror. Este e outros episódios da História vão se imiscuindo na linha do “tempo presente”, acentuando os sentimentos de solidão, desencanto e de humilhação que parecem dominar as várias personagens que cruzam o filme, reafirmando uma falta de confiança na humanidade. Numa entrevista por altura da estreia de **Um Pombo...**, em que lhe perguntavam se o facto de os seus filmes serem cada vez mais pessimistas exprimia a sua própria perspectiva perante a vida, Andersson referia que “não querendo ser pessimista, pensava que tinha que dar conta da falta de empatia que caracteriza a nossa sociedade.” Pouco depois felizmente prometeria que o filme seguinte seria um pouco mais luminoso.